

CAMINHOS HISTÓRICOS PARA O DOMÍNIO HELENÍSTICO SOBRE JERUSALÉM

HISTORICAL PATHS TO THE HELENISTIC DOMAIN ABOUT JERUSALEM

Vitor Luiz Silva de Almeida¹ e Juliana Batista Miranda Cavalcanti Tavares²

¹ Doutor pelo Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ)

² Doutoranda pelo Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ)

Correspondência para: Vitor Luiz Silva de Almeida (vitoralmeida83@gmail.com); Juliana B. M. Cavalcanti (julianajubcmt@yahoo.com.br)

Recebido em: agosto de 2019; Aceito em: outubro de 2019

RESUMO

O domínio helenístico provocou mudanças significativas em todo o território palestino antigo. Estas transformações, que abrangiam uma grande gama de dimensões interligadas – social, política, geográfica, religiosa e étnica – destacavam a variedade de ações, discursos e movimentações no seio das comunidades que ali se encontravam. Este artigo tem por objetivo analisar este processo histórico no que diz respeito a Cidade-Templo de Jerusalém e os eventos subsequentes ao mesmo, considerando o tema de suma importância para a compreensão deste espaço geográfico.

Palavras-Chave: Hellenização – Jerusalém – Palestina Antiga

ABSTRACT

Hellenistic rule brought about significant changes throughout the ancient Palestinian territory. These transformations, which encompassed a wide range of interconnected dimensions - social, political, geographical, religious and ethnic - highlighted the variety of actions, discourses and movements within the communities within. This article aims to analyze this historical process with regard to the Temple City of Jerusalem and its subsequent events, considering the issue of paramount importance for the understanding of this geographical space.

Keywords: Hellenization - Jerusalem - Ancient Palestine

Como primeiro passo para se compreender a região da Palestina no período em que os helênicos conquistaram a território, e sobretudo a Cidade-Templo de Jerusalém, ainda muito influente nas religiões monoteístas, é necessário lembrar que a experiência de dominação estrangeira não constituía uma novidade para os povos da terra, que experimentaram, ao longo de séculos, diversos modelos de opressão imperialista e colonização, como a egípcia, a medo-babilônica e a persa, e cada uma destas trouxe consigo reestruturações consideráveis do modo de vida e da relação entre os diversos grupos que habitavam o local.

Após a morte de Alexandre da Macedônia, algumas transformações produziram efeitos sócio-históricos de grande efeito como a revolta dos Macabeus e a ascensão da linhagem hasmoneana ao poder, a primeira de origem judeana sem intervenção direta de um dominador estrangeiro desde o período pré-exílico, o que a torna historicamente viável.

No período pós-alexandrino, estando a porção de terra em posse dos Selêucidas¹⁸², são impostas novas formas de proceder no funcionamento interno destes povos, a partir do que os historiadores compreenderam como “helenização”. Este conceito, formatado por Droysen ainda no decorrer do século XIX, advém da compreensão histórica da existência de transformações intensas causadas pelo contato entre os helênicos e outros povos. Estas modificações geraram um quadro de hibridizações, flexibilizações e invenções ao qual foi dado o nome de *helenismo*, abarcando desde a língua, religião e instituições políticas até as ações mais cotidianas, como a culinária e a indumentária.

Mas foi Droysen que, no decorrer do século XIX, deu a ‘helenismo’ um conceito histórico de contornos precisos e estendeu seu campo ao período que vai da derrota do império persa dos Aquemênidas, por Alexandre Magno (331 a.C.), até o fim do reino dos Ptolomeus, marcado pela batalha de Ácio (31 a.C.). Este período particular da

¹⁸² Império pós-alexandrino que dominou uma grande porção do Oriente Próximo, mais precisamente a Ásia Menor.

história da antiguidade se caracterizava também aos seus olhos pelo encontro e até pela mistura de elementos culturais gregos e orientais [...] (Paul, 1983: 17-18)

Este conceito, por sua antiguidade e inflação de significados¹⁸³, algumas vezes é compreendido como um processo de aculturação, o que de acordo com estudos teóricos das ciências humanas atuais é considerado uma problemática ultrapassada e etnocêntrica. Toda interação cultural gera intercâmbios, nos mais variados cenários (Sahlins, 1990: 16-17). Desta maneira, o conceito não é necessariamente descartável, tendo em vista a necessidade de se criar um signo de inteligibilidade que explique as modificações subsequentes ao advento da Macedônia e, posteriormente, seu legado, na Palestina como uma força opressora e não-autóctone em relação ao *ethos*¹⁸⁴ (Geertz, 1989:93) da população vivente na região de acordo com as fontes e cultura material.

Neste sentido, o *helenismo* é entendido neste artigo como a interação cultural advinda das ações de macedônios e dos povos subsequentemente conquistados, o que gera modificações em ambos os ambientes, possuindo forças de infusão de signos e significados, modos de vida, conhecimento tradicional, entre outras coisas que não necessariamente colocam a balança de influência mútua em pé de igualdade.

Ainda que exista a crença de que ao menos a Judeia tenha permanecido incólume à investida de costumes estrangeiros, isto não ocorreu. A Judeia foi atingida pela ação imperial helenística que outros locais do domínio alexandrino o foram. Podemos tomar

¹⁸³ Entre as variáveis que levaram a contestação do emprego do conceito de Droysen estão: (a) convicções políticas: Droysen era um amplo defensor da unificação alemã; (b) a dimensão de História de Hegel: a história como uma sequência de fatos conectados, bem como a dimensão de que o estágio preparatório para a ideia cristã estava no período romano; (c) o progresso (fruto de um longo processo de formação de tradições); (d) providência: progressiva da razão capaz de levar a consciência de liberdade e ao cumprimento dos desígnios divinos. Para um maior aprofundamento quanto a problemática do conceito de Droysen e os impactos dentro de uma Europa colonialista e imperialista do XIX ver: BIZIOTTO, 2015: 183; MOMIGLIANO, 1970: 141-142; CAVALCANTI, 2017: 61-63.

¹⁸⁴ De acordo com a definição de Clifford Geertz, o *ethos* de um povo pode ser considerado “o tom, o caráter, e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”.

como exemplo o caso dos habitantes da Samaria, porção territorial vizinha da Judeia e por conseguinte da cidade-templo de Jerusalém. Estes se rebelaram contra as forças macedônicas em 331 aEC, assassinando o prefeito da Síria, responsável pela província, Andrômaco, enquanto Alexandre se dirigia ao Egito (Quintus Curtius Rufus, *Hist. Alex.* 4.8, 9-10). Isto teria levado a represálias comandadas pelas forças alexandrinas contra os responsáveis fazendo com que parte da comunidade (em sua maioria membros da elite samaritana) fugisse para o Sul, muito provavelmente, em direção a Jerusalém (Martinez 1995: 16; Lapp, 1974: 1; Knoppers, 2013: 169). O resultado deste evento foi a destruição da cidade da Samaria e assentamento de macedônios em sua administração (Knoppers, 2013: 169-170), que tornou-se um entreposto militar estratégico para os Selêucidas.

ANTÍOCO IV EPÍFANES E JERUSALÉM: UMA DISCUSSÃO ENCERRADA?

Em relação à Judá, o projeto helenístico também trouxe mudanças bruscas, com a deportação de parte de sua população para o Egito por Ptolomeu I e as ações posteriores de Antíoco IV Epífanos. É possível dizer que ambos os territórios sofreram os males da disputa entre as dinastias Ptolomaidas e Selêucidas, após a morte de Alexandre. Não se trata de uma disputa entre quem foi mais *helenizado*, mas antes, de que o contexto cultural helênico permeou os fazeres destas comunidades durante séculos, e suas permanências podem ser atestadas mesmo após a chegada definitiva dos romanos¹⁸⁵.

Dito isto, podemos tentar delinear um quadro amplificado de como o tempo dos Selêucidas, sobretudo a partir das Reformas de Antíoco, inaugurou um período que transformaria de muitas maneiras a cidade de Jerusalém. A documentação judaica

¹⁸⁵ Tradicionalmente alocada temporalmente em 63 AEC para mais informações ver HORSLEY, R. & HANSON, J. S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 43.

(e posteriormente a cristã)¹⁸⁶ apresenta Antíoco IV Epífanes, de uma maneira geral, como um de seus maiores *nemesis*, um tirano maligno e pérfido, sem precedentes, que, basicamente, atenta contra a religião javista de modo como nenhum dominador havia feito antes. O ódio a Antíoco é pavimentado em diversas camadas das fontes, como demonstraram Chevitarese & Cornelli (2007: 29-39) em um artigo acerca do livro de *Daniel*¹⁸⁷. Em Dn, o monarca selêucida é tido como a representação maximal do anti-judaísmo, do mal, propriamente dito, recebendo as alcunhas de “injusto” (Dn 3:32), “o mais malvado” (Dn 3:32), “Aquele que profere insultos contra o altíssimo” (Dn 7:25, 8:25, 11:36), “Tramador de coisas inauditas” (Dn 8:24) “Arruinador dos poderosos e do povo santo” (Dn 8:24), “Aquele que age com perfídia” (Dn 8:25, 11:23), “Miserável” (Dn 11:21), “Sorrateiro” (Dn 11:21, 11:24), “Tem o coração voltado pro mal” (Dn 11:27), “Mentiroso (Dn 11:31), “Profanador” (Dn 11:31), Coloca-se acima dos deuses (Dn 11:36-37), “Não tem consideração” (Dn 11:37) (cf. Chevitarese & Cornelli, 2007: 34).

Todas estas adjetivações devem-se a uma reação da parcela judeana, incluindo-se os autores do livro de *Daniel*, não conivente com as reformas implementadas por Antíoco, no entanto, havia outra parcela que se mostrava receptiva e agia de forma indulgente em relação à helenização proposta pelo líder Selêucida. É preciso desmontar neste caso o antigo esquema da imposição cultural e religiosa, o velho binômio da aculturação entre dominador-dominado. Isto não absolve a violência dos investimentos militares sobre a área, a desapropriação de terras, a pauperização decorrente da exploração do trabalho agrícola e a criação de novos impostos, mas garante uma complexificação necessária acerca das forças culturais atuantes, no que

¹⁸⁶ Apesar de sem tom estritamente judeano, portanto ligado ao culto de lahweh na Judeia, algumas partes do texto de Macabeus foram inclusas no compendio bíblico.

¹⁸⁷ No que se refere à datação Chevitarese & Cornelli sugerem que o livro de Daniel, apesar de possuir um contexto histórico de produção “bastante instável” teria pelo menos um intervalo de duas gerações, entre 250 aEC e 167-64 aEC. Deste modo os capítulos 1-6 estariam localizados no período de 250-230, enquanto os capítulos 7-12 poderiam ser datados entre 167 e 164. Para mais informações ver: CHEVITARESE, A. L. & CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo, Helenismo. Ensaio Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007, pp. 29-39.

podemos considerar um panorama em contínuo movimento de transformação, como entendido por autores como Sahlins (1990:171) e, que desdobram-se em intercâmbios de símbolos, signos e significados, redirecionamentos no *modus vivendus* da população local e interações culturais de vários tipos.

Implica dizer, no tempo de Antíoco IV Epífanês, a população local havia perdido sua capital e seus maiores centros populacionais para dominadores estrangeiros e costumes helenísticos foram introduzidos, mesclando-se a cultura local, diga-se de passagem, bastante multifacetada.¹⁸⁸ Neste sentido as atitudes tomadas pelo rei selêucida em Jerusalém, não constituíam uma novidade, ou algo fora do comum.

A rebelião de Jasão (2Mc 5:5-7), constituiu um bom. Nesta a cidade foi arrasada, o templo pilhado e profanado, e um governo direto foi estabelecido, a partir dos superintendentes Filipe, o frígio e Andrônico, colocado segundo a narrativa “ao pé do Garizim [Gerizim]” (2Mc 5:22-23). A despeito da historicidade destes personagens, medidas violentas foram instauradas na região, por motivações que claramente aludem há algum tipo de resistência/rebelião, ou a possibilidade dessas ocorrerem. Deste modo, para o governo imperialista dos Selêucidas, não haveria distinções em sua maneira de proceder no que concerne a qualquer localidade sobre sua tutela imperial.

Isto é confirmado, sobretudo, nas mudanças impostas sobre o fazer religioso palestino, com a reconfiguração cultural, em que o Templo de Jerusalém é dedicado a uma divindade grega (2Mc 6:2; AJ 12:253-256; Dn 11:31), mais precisamente Zeus Olímpico [*Olympios*]¹⁸⁹. Não há referência direta a Zeus Olímpico em Josefo¹⁹⁰,

¹⁸⁸ Bons exemplos desses processos de helenização anteriores a Antíoco IV Epífanês advêm dos remanescentes materiais identificados em escavações nessa região, como podemos ilustrar (Aviam e Amitai 2002; Syon, 2002): (a) um conjunto cerâmico encontrado na Alta e Baixa Galileia datado entre os períodos da Pérsia Tardia e Helenística; e (b) uma Afrodite e um Hórus com inscrição trilingue datada do período Helenístico.

¹⁸⁹ Entre outros elementos apontados pelo programa de helenização na Judéia pelos críticos de Antíoco estavam: a proibição a prática da circuncisão e a observância formal do sábado.

¹⁹⁰ “os compeliu a deixar de lado a adoração a seu próprio Deus, e reverenciar os deuses aos quais ele acreditava;” [And he compelled them to give up their own god, and to do reverence to the gods he believed]. O fato de ter utilizado o verbo compelir e não proibir, denota que inexistia vontade de obliterar *lahweh*, e sim de articulá-lo ou dividir seu espaço com outra divindade.

ISSN 1982-8713

entretanto, ao passo que os autores de 2Mc nomeiam a divindade colocada no santuário como Zeus Olímpico, os autores de Daniel recorrem ao título “A abominação da desolação”. Considerando a dedicação no Templo de Gerizim ao Zeus *Xenios*¹⁹¹, atestados tanto em 2Mc quanto em AJ 12:258-261, parece realmente tratar-se do Zeus Olímpico, no caso judeano. Some-se a isso o fato de que Antíoco IV Epífanês costumava cunhar moedas, que celebravam esta divindade em seu anverso, ao que tudo indica muito cara ao monarca, como pode ser visto abaixo (Figs. 1 e 2):



Fig. 1. Descrição: Anverso: Antíoco IV Epífanês portando o diadema; Reverso: Zeus Olímpico, sentado em seu trono, segurando Nike cunhada durante seu reinado (175 -164 aEC) (Carradice, 1995: 83).



Fig. 2. Descrição: Anverso: Antíoco IV Epífanês com cabeça radiada. Reverso: ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΑΝΤΙΟΧΟΥ ΘΕΟΥ (ΕΠΙΦΑΝΟΥΣ), Zeus em pé à esquerda, segurando o raio e o cetro. Às vezes com a águia no pé esquerdo (175 -164 aEC) (Hoover, 2008: 207).

¹⁹¹ Localizado na Samaria. Para mais informações ver DUSEK, J. *Aramaic and Hebrew Inscriptions from Mt Gerizim and Samaria between Antiochus III and Antiochus IV Epiphanes. Culture and History of Ancient Near East*. Leiden, the Netherlands: Brill, 2012.

Ao que tudo indica o programa de Antíoco Epífanês, de fato, propunha mudanças mais radicais que as instauradas anteriormente por seus antecessores, todavia, estas seriam atribuições de uma parcela significativa da população local, através da negociação e não da imposição direta, no decorrer do processo iniciado ainda em fins do século III aEC. O processo de helenização, no qual a Palestina via-se mergulhada, parece ser levada a cabo pela aristocracia sacerdotal, judeus helenizados e possivelmente por indivíduos advindos das áreas periféricas a cidade de Jerusalém. A documentação não deixa margem para dúvidas quanto a isto, tanto 1-2 Mc, quanto AJ e Dn, afirmam insistentemente que uma boa parte da comunidade judaica absorveu padrões culturais helênicos.

Concordando com Scurlock (2000: 127) e Chevitarese & Cornelli (2007: 36-38), não necessariamente podemos fazer emergir dos escritos uma conotação puramente opressiva do ponto de vista cultural e religioso, no que tange a toda a população. Em primeiro lugar, isto seria desconexo com as ações dos líderes helenísticos em outras áreas conquistadas como a Mesopotâmia e o Egito, onde o culto a divindades locais permaneceram em funcionamento e até mesmo geraram hibridismos como o caso de Serápis¹⁹². Parece estranho imaginar uma comunidade politeísta impondo o fim de um culto a qualquer divindade que seja. O segundo argumento, sustentando por esses autores de forma bastante persuasiva, é de que as reformas seriam produzidas de dentro para fora, ou seja, pela própria comunidade jerusalimita. No episódio específico de Antíoco IV Epífanês em Jerusalém, é pelas mãos de Jasão que as principais transformações ocorrem: o ginásio (1Mc 1:13; 2Mc 4:12-15), um dos principais símbolos citadinos de uma *polis* grega, o *ephebeîon*, destinado a educação de jovens nos princípios filosóficos helênicos, o cessamento da circuncisão e a transmutação de jerusalimitas em cidadãos, de acordo com o modelo helenístico.

¹⁹² Divindade nascida da interação cultural entre Egípcios e Gregos por volta de IV aEC em Alexandria. Seu culto foi bastante difundido em todo o território mediterrâneo e este deus tinha como principal característica a posse de poderes curativos e da prosperidade. Para mais informações ver CROSSAN, J. D. & REED J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 65-71.

Além disso, quando nos voltamos para o processo de circulação e cunhagem de moedas na Judeia fica ainda mais claro esse forte processo de trocas culturais que levaram a um padrão helenístico. Segundo Hübner (2014: 165) moedas são encontradas na Judeia, principalmente em Jerusalém, a partir da segunda metade do quarto século antes da era comum. Porém, elas têm um caráter provincial e seguem padrões provenientes da Grécia, Sicília e protótipos ptolomaicos.

Entre as moedas Yehud do período persa, também encontramos o famoso BMC Palestine S. 181, Nr. 29 de origem desconhecida (Fig. 3).



Fig. 3: Moeda de prata. Descrição: Anverso: Cabeça masculina barbada à direita, usando capacete 'Coríntio' com crista; borda pontilhada. Reverso: Deidade masculina barbada e sentada à direita na roda alada; a mão direita está envolvida em vestuário e a mão esquerda, segurando um falcão; no campo direito, máscara careca e barbada à esquerda; tudo em quadrado de padrão de cabo em quadrado de incusa.

Como pode-se observar acima no anverso o dracma exibe um rosto barbudo com um capacete coríntio. A influência grega presente nesse elemento é uma das indicações do artesanato grego, mas não fornece evidências diretamente sobre o significado da representação. A perspectiva militar, no entanto, combinada com o fato do governo persa permitir - ao lado da representação de divindades locais - a representação de governantes locais, a cabeça pode ser identificada como uma imagem de um governante local (possivelmente de Yehud).

No reverso vemos um quadrado composto por pontos, relacionados por curvas. Dentro do quadrado, duas figuras podem ser distinguidas. No canto inferior direito, há

um rosto barbudo (ou possivelmente uma máscara), do qual se pode distinguir uma orelha e o nariz e marcas nos locais da boca e dos olhos. A outra figura parece ser um homem sentado. É possível ver barba, cabelos, olhos, nariz e boca. Ele porta uma espécie de capa, provavelmente uma 'himação' grega, quase chegando aos tornozelos. A mão esquerda está na perna, enquanto a sua direita está um pássaro que pode ser identificado como uma ave de rapina. O pássaro está voltado para a direita, assim como a figura humana sentada.¹⁹³ A figura está sentada em uma roda (quatro de seus seis raios são visíveis) com uma asa. Entre o pássaro e a figura sentada, duas letras podem ser discernidas; e à esquerda da figura sentada outra letra é visível. A inscrição acima da cabeça de Bes são as letras *yhw*.

As interpretações dadas por Hübner (2014) e Hulster (2009) para esta moeda vão divergir em alguns pontos. Para Hübner (2014: 197) a figura barbuda sentada é uma a interpretação hebraica de Zeus ou outro deus grego como Javé. Enquanto Hulster (2009: 6-7) a identifica como a representação de uma divindade do sol. O pássaro é peça central nessa interpretação. Ele se encaixa no simbolismo usado nas moedas judaicas e é um substituto para a coruja ateniense.

De qualquer forma, o interessante dessa moeda é pensarmos nas diferentes interpretações que ela traria ao portador dependendo de seu horizonte étnico-cultural. Assim sendo, a figura representada pode ser vista pelos gregos como Zeus, pelos semitas não-judeus como Baal e pelos judeus helenizados como Javé. Em outras palavras,

A moeda é sincrética, representando não um deus específico, mas uma concepção geral de uma divindade facilmente compreensível para muitas pessoas na parte ocidental do Império Persa (...) a inscrição poderia lançar luz sobre as pessoas que usavam a moeda e como elas teriam interpretado a imagem (Hulster, 2009: 8).

¹⁹³Essa é uma característica única, pois todas as outras moedas conhecidas da antiguidade com um pássaro na ou na mão de uma figura humana têm as duas figuras uma de frente para a outra, ou seja, olhando em direções opostas.

Exposto isso, uma questão deve ser observada. Os não-persas foram autorizados a servir suas próprias divindades e até retratá-las em suas moedas, desde que respeitassem a supremacia da divindade persa (e dos persas), que muitas vezes era representada com características solares. Assim, as divindades locais, embora divindades menores da perspectiva persa, pudessem ser representadas como chefes de panteões locais ou como - simplesmente - 'a divindade' de uma região determinada. Assim, as autoridades cunhadas locais poderiam representar seu deus como o deus do sol e sugerir que ele seja o deus mais alto (ou mesmo único). Além disso, a posição única do pássaro pode aumentar a impressão de que a divindade representada é poderosa, pois a posição dessa ave de rapina pode indicar sua prontidão para voar.

Deve-se deixar claro que quem cunhou a moeda pode ou não ter sido um judeu e dependendo da interpretação que se tome a moeda pode ser vista como um culto a Javé ou um insulto aos judeus. O fato é que quem a encomendou fazia parte dos mais elevados estratos sociais e de um ambiente altamente helenizado de Judá.

Nesse sentido, é bem mais plausível que a tentativa de Antíoco IV Epífanes não estivesse ligada a extirpação de Iahweh do Templo ou o fim de seu culto – ou da população javista – e sim a uma conformação entre a divindade do conquistador – Zeus Olímpico – e a divindade local, dando continuidade, assim, a uma prática amplamente disseminada. Suas ações, obviamente, foram recebidas de forma distinta pelos estratos sociais e indivíduos, o que não modificou, ao menos no primeiro momento, a elevação de Jerusalém aos *status* de *polis* – Antioquia de Jerusalém –, contando, inclusive, com a aceitação popular tanto de cidadãos jerusalimitas, como Menelau – Onias –, Jasão e outros judeus helenizados, como de habitantes das áreas rurais, com o retorno dos costumes pré-reformistas perpetrados pelo Rei Josias,¹⁹⁴ como o culto dos “lugares altos”.

¹⁹⁴ Monarca Judaíta que, de acordo com o livro de 2Rs 23: 4-20, realizou uma série de reformas religiosas tanto na região da Judeia quanto nas regiões vizinhas, sendo conhecido por extinguir o culto a Baal/Baal- Zebub e outras divindades e a proibição do culto nos “lugares altos”.

A ideia de que Antíoco estava em uma campanha para erradicar os Judeus enquanto povo (opondo-se ao Javismo) não é amparada nem pelos próprios textos de decretos estatais nem pelo relato Macabaico da perseguição. (...) A imposição da religião em qualquer senso de exclusividade (você tem de adorar meu deus e *não* o seu deus ou deuses) não seria esperada de um politeísta, muito menos de um que se imaginava um filósofo (Scurlock, 2000: 128-129).

Em suma, todo o território palestino via-se banhado pela onda helenística, antes de Antíoco iniciar suas atividades como governante, a partir de intensas trocas culturais, modificações em âmbito pragmático da vida cotidiana, cambiamento e hibridizações de símbolos culturais. A elevação macabaica (entre 167 e 37 aEC) seria o *turning point* das transformações que afetariam de modo indelével as ações Selêucidas.

Inicialmente, as obras de Matatias e seus descendentes, tiveram como objetivo fazer retroceder as “novas” políticas adotadas pelas lideranças jerusalimitas e responder aos atos violentos das tropas de Antíoco IV Epífanes contra a cidade e o Templo, através de ações militarizadas esporádicas. Sua primeira ação foi deixar Jerusalém e esconder-se, levando consigo seus filhos, João, cognominado Gadi, Simão Tasi, Judas Macabeu, Eleazar e Jônatas (1Mc 2:1-6;¹⁹⁵ AJ 12:265-267). Após sua morte, a liderança é tomada por Judas Macabeu que inicia o recrutamento do grupo da resistência e confronta as forças de Antíoco IV Epífanes em Judá. Com a morte deste monarca (1Mc 5:16-17; 2Mc 9:28), seu filho Antíoco V Eupator, ainda uma criança, sob a regência de Lísias, buscou continuar as obras do pai, mas tendo Judas sido vitorioso em suas batalhas e recebido prestígio local, além de causar muitos problemas a administração Selêucida, as tratativas de paz são iniciadas em seu reinado, com o reestabelecimento da propriedade do culto pelos judeanos em Jerusalém (1Mc 6:58-60, 13:23).

¹⁹⁵ A narrativa de 2Mc 5:27 não apresenta Matatias, e sim Judas Macabeu como o líder e responsável pela retirada de Jerusalém após o ataque de Apolônio, o Misarca. Este livro concentra seus esforços nas ações de Judas, sendo este seu principal personagem.

Curiosamente, as ações de paz de Lísias e Eupator, em ambos os documentos, assim como em Josefo (AJ 12:379-381), apesar de toda a apologia a resistência de Judas, aparentam estar mais conectadas com a disfunção da política interna do reino Selêucida após a morte de Antíoco Epífanes. Novamente, é preciso sopesar que os acontecimentos estão inseridos em uma espiral de escalas, e a paz com os judeus é, evidentemente, sem desconsiderar as ações de resistência dos Macabeus, uma solução diplomática, possibilitando que o legítimo sucessor ao trono e seus seguidores pudessem desviar seu olhar para outra parte do seu domínio, maior em nível de importância.

Neste sentido, eventos consubstanciados moldam o contexto geral, e a ascensão de Judas Macabeu e sua família torna-se concreta, ainda que não houvesse nenhuma menção de um governo autóctone e os Selêucidas continuassem na mesma posição hierárquica. Com a morte de Judas Macabeu (1Mc 9:23), seu irmão Jônatas é escolhido como o novo líder do movimento e após algumas insurreições locais, este prevalece. No nível macro, Lísias e Antíoco V Eupator são capturados e mortos por Demétrio I, que havia escapado de Roma (Josefo, AJ 12:388-392), e uma disputa de poder pela sucessão ao trono selêucida coloca-se entre Demétrio I Soter, filho de Selêuco IV Filpáter e Alexandre Balas, filho de Antíoco IV Epífanes.¹⁹⁶

Com a morte de Alexandre Balas, Demétrio II Nicator assume a coroa Selêucida, e novamente reforça o acordo anteriormente arranjado como é apresentado em 1Mc 11:30-35:

O rei Demétrio a Jônatas, seu irmão, e à nação dos judeus, saudações! A cópia da carta que a vosso respeito escrevemos a Lástenes, nosso parente, enviamos-la a vós também, para que dela tomeis conhecimento. O rei Demétrio a Lástenes, seu pai, saudações! À nação dos judeus, que são nossos amigos e observam o que é justo em relação a nós, decidimos fazer-lhes bem, em vista dos bons

¹⁹⁶ De acordo com a nota [f] presente em JOSEPHUS, *Jewish Antiquities*. Trad: Ralph Marcus. London: Harvard University Press, 1987, Books XII – XIX, 10 vols. Alexandre seria um impostor, como atestariam historiadores gregos antigos, que persuadiu o Senado Romano a reconhecer seu pleito ao trono. No entanto, tais fontes não são citadas pelos tradutores.

ISSN 1982-8713

sentimentos que nutrem conosco. Nós lhe confirmamos a posse do território da Judéia, bem como dos três distritos de Aferema, Lida e Ramataim¹⁹⁷. Estes distritos com todas as suas dependências, foram anexados da Samaria a Jerusalém, em compensação pelos impostos que o rei recolhia outrora, cada ano, dos produtos da terra e dos frutos das árvores. Quanto aos outros direitos sobre os dízimos e os tributos que nos pertencem, quer sobre as salinas, quer relativos às coroas, a partir deste instante nós lhe faremos cessão total.

De fato, como apontam Mor (1989: 13) e Dusek (2011: 76), estes três distritos – Efraim, Lod e Ramataim – haviam sido frutos de disputas entre as províncias em tempos anteriores e foram anexados de forma irrestrita ao território judeano, por volta 145 aEC. É interessante observar que estes territórios teriam precedência do rei e passariam então a ser posse dos responsáveis pelo Templo de Jerusalém. Afora todas as hiperbolizações das ações da casa macabaica presentes em 1-2Mc e em Josefo, é notável que a partir de meados século II aEC, Judá passa a deter prestígio regional frente a outras localidades provinciais como a Samaria, Idumeia, Galiléia, Perea, Moab e etc. A alteração do *status* de Jerusalém e Judá em termos macrocósmicos, passa então matizar as suas atividades em âmbito local, dessa vez outorgada pelo poder hierárquico vigente.

Com isso, as transformações principiadas pela rebelião dos Macabeus elevaram Judá a um lugar de destaque no que concerne às monarquias Selêucidas seguintes, e isto seria utilizado para a continuidade de suas pretensões centralistas e de “povo escolhido” como representantes do verdadeiro *Israel*. Isto não significa que relacionamentos inter-comunitários tenham cessado ou querelas comunitárias deixassem de ocorrer. Deve ser levado em conta que em nenhum momento o Templo no Monte Gerizim sofreu qualquer tipo de dano até as investidas de João Hircano, e a continuidade do culto a lahweh na montanha persistiu até a última década do século II aEC (Knoppers 2013: 172). Desta maneira os dois Templos continuavam funcionando e

¹⁹⁷ Referentes a Efraim, Lod e Ramataim.

ambas as regiões ainda respondiam as políticas externas de seus governantes “oficiais”. Resumindo a continuidade dos eventos como narrados na documentação:

1) Uma nova insurgência intra-imperial é iniciada: Desta vez, Antíoco VI Theos Epifânio, filho de Alexandre Balas, aconselhado por seu general Diodóro Trífon, iniciam o planejamento para retomar o reino a partir de Antioquia. Novamente as autoridades judeanas são invocadas a tomar partido, sob a liderança de Jônatas, que a partir da promessa de Antíoco VI (1Mc 11:54-62; AJ 13:145-146) de não apenas manter os tratos anteriores, ratificando sua posição de sumo sacerdote e posse dos quatro distritos¹⁹⁸, e nomeando seu irmão Simão *estratego* do território que se estendia de Tiro a Fronteira com o Egito, passam para o lado inimigo. Nos embates que se seguem pela sucessão, Antíoco VI sai vitorioso e a Judeia mantém seu arranjo.

2) Trífon (1Mc 12:39-53), desejoso de tornar-se ele mesmo senhor do domínio selêucida, preparou uma escaramuça para assassinar tanto Jônatas quanto o rei de direito Antíoco VI, enquanto Demétrio II havia sido feito prisioneiro na Partia¹⁹⁹. Sua pretensões são bem sucedidas em ambos os casos (1Mc: 12:50; AJ 13:208-209,218-219), no entanto Simão, irmão de Jônatas, assume o posto de líder e sumo sacerdote, primeiramente deliberando que Judá não mais responderia a governos estrangeiros e eximindo a população do pagamento de tributos a monarquia selêucida, e posteriormente aliando-se a Antíoco VII Sideta parte para tomar o poder e frustram os planos de Trífon, levando-o a morte.

3) Com a ascensão de Antíoco VII novas querelas entre jerusolimitas e selêucidas são deflagradas, gerando nova reação dos líderes judaítas. Os embates que se seguem levam a rebelião aberta contra o governo de Antíoco VII Sídetas, capitaneadas por Simão. As consequências deste encadeamento são o desmanche da aliança e o início do governo livre de Judá.

4) Simão, filho de Matatias, define-se, finalmente, como o primeiro governante hasmoneu, constituindo sob sua competência um regime

¹⁹⁸ Há um debate sobre o quarto distrito mencionado nestas passagens, alguns estudiosos pensar tratar-se do distrito de Akkaron, enquanto outros apontam que o quarto distrito trata-se da Judeia. Para mais informações ver a nota [d] presente em JOSEPHUS, *Jewish Antiquities*. Trad: Ralph Marcus. London: Harvard University Press, 1987, Books XII – XIX, 10 vols. p. 297.

¹⁹⁹ Área geográfica localizada na Ásia central, próxima ao atual Irã.

teocrático centrado em Jerusalém, a partir de alianças externas com a então força emergente de Roma, ainda em seu formato republicano (aproximadamente 140 aEC), sendo reconhecido como um estado “autônomo” pelo senado romano.

5) Após a morte de Simão e uma intriga entre os sucessores, com a acusação de envenenamento do pai adotivo e de seus dois filhos mais velhos por Ptolomeu, assume João Hircano, filho de Simão. Depois de se livrar de Ptolomeu, Hircano, com o apoio dos agora aliados romanos, torna-se o primeiro líder judeu a governar a Judeia sem a influência direta de dominadores estrangeiros desde o tempo dos reis. Josefo (AJ 13:227-230) descreve sua coroação como sumo sacerdote e líder dos judeus.

6) Antíoco VII Sideta, vendo-se aviltado por este levante de Simão e seu descendente, parte para confrontar Hircano e cerca Jerusalém, porém após encontrar resistência, e um evento um tanto miraculoso descrito pelo autor, que transmuta o monarca selêucida em Antíoco o “pio”, inclusive, comparando sua honradez a malignidade de Antíoco IV Epífanes (Josefo. AJ 13:243-244), estes chegam a um acordo e Antíoco VII reconhece Hircano como governante.

7) Com a morte de Antíoco VII Sideta, em campanha na Partia, contando, inclusive, com as tropas de Hircano, Demétrio II, antes, cativo na mesma região, é libertado e retorna, enfraquecido, a Antioquia para pleitear o trono na Síria, voltando sua atenção para o Egito Ptolomaico e as disputas subseqüentes em outras áreas.

8) Roma ascendia, enquanto potência, e afirmava suas boas relações com a Judeia, enquanto o reino selêucida definhava em rixas internas e em ameaças de seus antagonistas Ptolomaicas. Alexandre Zebinas, escolhido por Ptolomeu VIII Evérgeta II (Físcion) para tomar o trono da Síria, combate e assume a coroa do enfraquecido Demétrio II, que após fugir para sua ex-consorte – e também ex-esposa de seu irmão Antíoco VII Sideta, Cléopatra Thea – é repellido por ela e foge para Tiro, onde encontra a morte de forma miserável (Josefo. AJ 13:267-269). Neste ínterim, Alexandre Zebinas é morto em combate por Antíoco VIII Filometor que toma o poder real na Síria. Todavia, este é desafiado por seu meio-irmão Antíoco IX Cízico, e ambos permanecem em guerra (Josefo. AJ 13:271-272).²⁰⁰

²⁰⁰ Para mais informações acerca da Linhagem dinástica Selêucida ver AUSTIN, M.M. *The Hellenistic World From Alexander to the Roman Conquest*. Cambridge University Press: New York, 2006. p. 509.

Frente a esta torrente de acontecimentos, João Hircano, vendo-se momentaneamente livre de autoridades externas, que lutavam entre si pela coroa da Síria, e amparado pela então ascendente força romana, sedimenta os planos de seu pai Simão, concretizando o governo autônomo, e inicia então sua campanha expansionista/centralista.

Não devemos perder de vista que estamos diante de resoluções em termos aristocrático-elitistas, que contaram com a participação da população, sem dúvida, mas não constituem um processo essencialmente popular, nascido das demandas de indivíduos pertencentes às periferias empobrecidas, como os ocorridos posteriormente durante o domínio romano. Os encargos tributários cobrados pelo Templo, as decisões judiciais e a manutenção da elite sacerdotal que dirige a região não nos oferecem nenhum indício de que a estratificação social tenha sofrido grandes mudanças. Existe certa tendência historiográfica (Horsley & Hanson, 1995: 28-33), a enxergar na rebelião macabaica/hasmonaica uma dualidade de culturas em choque, de um lado “judeus”, um todo monolítico, resistentes e resilientes, que pretendem manter a tradição de seus antepassados e a observação da Lei, e de outro a tentativa de aculturação por meio da força por parte dos opressores helenísticos, apoiados por judeus helenizados corrompidos. Em suma, um duelo entre Judaísmo vs. Paganismo que se estende a uma luta de contornos “nacionais”.

Como vimos anteriormente, isto não é necessariamente verdadeiro (Scurlock 2000:128-129; Chevitarese & Cornelli, 2007:36-39), em termos históricos. A helenização da Judeia, assim como da Samaria e outros espaços geográficos, já era uma realidade desde a conquista macedônica. Até o endurecimento autoritário de Antíoco IV Epífanes sobre a região, nenhum outro movimento de resistência destas proporções teve lugar na Judeia, conforme observaram Chevitarese e Cornelli (2007:37):

(...) as iniciativas que culminaram nas reformas helenizantes foram propostas pela própria comunidade judaica. Não há nenhuma referência nos textos antigos, alguns deles extremamente duros em suas críticas a Jasão, que venha a sugerir ou indicar uma oposição as ações do sumo-sacerdote. Nenhum dos autores acusa Jasão de violar ou alterar o culto praticado no Templo de Jerusalém, ou de ter proibido as práticas normais do judaísmo. Por fim, não se observa nenhuma ação contrária a Jasão ou ao soberano selêucida quando este último visitou Jerusalém. Ao contrário, o rei foi magnificamente acolhido pela cidade, nela foi introduzido à luz de tochas e ao som de aclamações.

Entre Alexandre Magno e Antíoco IV existe um lastro de quase duzentos anos. Pode-se argumentar que as imposições de Antíoco tenham sido a “gota d’água”, porém, como explicar as negociações, acertos diplomáticos, participações militares em campanhas colonialistas em outras áreas da Coele-Síria e alianças posteriores com os descendentes do inimigo da “nação”? Curiosamente, os próprios livros de 1-2Rs foram produzidos em língua grega. Não parece haver aqui um caráter “popular” em seu sentido pleno, como defendem Horsley & Hanson (1995: 28-33). Ainda que seja incontestável que a população tenha participado ativamente da revolta, este é principiado e levado a cabo como reação aos atos agressivos que violavam as mediações interacionais entre contextos culturais distintos em níveis aristocráticos. Matatias e Judas Macabeu eram componentes da elite sacerdotal, e, possivelmente, bastante influentes, assim como seus sucessores, e não camponeses rebeldes que reúnem um exército para combater um rei estrangeiro em nome da “nação judaica”.

No que se refere a João Hircano, efetivamente, este vai além apenas da manutenção do controle da Judeia, expandindo fronteiras e centralizando o poder em Jerusalém. Esta façanha ocorria pela primeira vez desde a tradicional e praticamente mítica²⁰¹, monarquia davídico-salomônica.

²⁰¹ Existem pouquíssimos dados que comprovam a existência de tais personagens em sua época, de acordo com a temporalidade judaica que os aloca nos séculos X-IX aEC. A complexidade de lidar com este assunto refere-se ao problema que Liverani trabalha em seu livro LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: [Loyola/Paulus](#), 2008. Ou seja, a dificuldade de se trabalhar textos pré-exílicos sem se deparar com hipóteses tradicionais e não historiográficas. Deste modo, não temos

Mesmo Josias, o rei-reformista (2Rs 23: 15-19), não reuniu o norte e o sul sob seu controle. É válido lembrar que no segundo *livro de Crônicas* o “norte” não é nem mesmo citado no que concerne às purificações de Josias (2Cr 34:3-7), reduzindo-as a Judá/Jerusalém. Desse modo, é infactível traçar uma linha divisória entre este líder e seus antecessores (Horsley & Hanson, 1995: 37-38) e as consequências dessa nova composição geopolítica para os vizinhos de Jerusalém são catastróficas como pode-se perceber pelas ações de João Hircano na região até fins do século II aEC, com judaizações impositivas na Idumeia e destruições de todo o tipo, como no caso do Templo de Gerizim na Samaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreviaturas:

AJ. – *Antiguidades Judaicas*

GJ. – *Guerras Judaicas*

Textos Antigos:

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

JOSEPHUS. *Jewish Antiquities*. Trad: H. St. J. Thackeray, Ralph Marcus & L.H. Feldman. London: Harvard University Press, 1981,1986,1987, 10 vols.

JOSEPHUS. *The Jewish War*. Trad: H. St. J. Thackeray. London: Harvard University Press, 1989, 9 vols.

QUINTUS CURTIUS RUFUS, *Historiae Alexandri Magni*. 4.8:34; 9-10 in: STERN, M. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism: From Herodotus to Plutarch*. Jerusalem: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1980, Vol. II. p. 447-449.

dados históricos ou arqueológicos apurados sobre Salomão e Davi, supostamente reis muito poderosos em suas épocas, de acordo com a literatura judaico-cristã. Ainda assim, sua presença no imaginário judeano/judaico tinha uma condição de influência que incidia diretamente sobre os dominantes autóctones posteriores como João Hircano (sécs. II-I aec). Portanto, a presença da memória dos grandes reis subjetivamente adere ao sistema de pensamento do período Hasmoneu.

Bibliografia:

BLAZOTTO, Thiago. O Helenismo de Johann Gustav Droysen: conceito, contexto e crítica. *Revista Mundo Antigo*, v. 4, p. 181-190, 2015.

CAVALCANTI, Juliana. Modelos de Cidade Antiga. Entre silêncios e esvaziamentos nos discursos historiográficos: O caso de Dura Europos. *Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção*, v. 21, p. 58-78, 2018.

CARRADICE, I. *Greek Coins*. Univ of Texas, University of Texas Press ed edition (November 1, 1995).

CHEVITARESE, A. L. & CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo, Helenismo. Ensaio Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

DUSEK, J. *Aramaic and Hebrew Inscriptions from Mt Gerizim and Samaria between Antiochus III and Antiochus IV Epiphanes. Culture and History of Ancient Near East*. Leiden, the Netherlands: Brill, 2012.

HORSLEY, R. & HANSON, J.S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

HÜBNERHÜBNER, Ulrich. "The development of monetary systems in Palestine during the Achaemenid and Hellenistic Eras." In: HAGEN, Jürgen and WELKER, Michael. *Money as God?: The Monetisation of the Market and its Impact on Religion, Politics, Law and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

HULSTER, Izaak. *A Yehud coin with the Representation of a Sun Deity and Iconic Practice in Persian Period Palestine*. Sofja-Kovalevskaja Research Project, Unity and Diversity in Early Jewish Monotheisms, Georg-August-Universität Göttingen, 2009.

KNOPPERS, G. *Jews and Samaritans: the origin and history of their early relations*. Oxford University Press, New York, 2013.

LAPP, Paul. *An Account of The Discovery*, in: LAPP, Paul / LAPP, Nancy (eds.), *Discoveries in the Wadi ed-Daliyeh*. Cambridge, MA: American Schools of Oriental Research, 1974, Vol. XLI. p. 1-16.

MARTÍNEZ, F. G. *Textos de Qumran: Edição Fiel e Completa dos Documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOMIGLIANO, Arnaldo. “Droysen between Greeks and Jews”, *History and Theory*, vol. 9, n. 2, 1970.

SCURLOCK, J. *Hellenism or Reform?* In: *Journal for The Study of Judaism in The Persian, Hellenistic and Roman Period*, 31, 2. p. 125-161.